

**REVISTA DE  
EDUCAÇÃO ADVENTISTA**
**DIRETORA EDITORIAL**
**Beverly J. Robinson-Rumble**
**DIRETOR ASSOCIADO**
**Luis A. Schulz**
**ASSESSORES**
**C. Garland Dulan  
Ella Smith Simmons**
**REPRESENTANTES**
**Roberto Badenas**  
Euro-África

**Larry Blackmer**  
América do Norte

**Daniel Duda**  
Europa do Norte

**John M. Fowler**  
Associação Geral

**Barry Hill**  
Sul do Pacífico

**Chiemela Ikonne**  
África-Oceano Índico

**Elden Kamwendo**  
África do Sul

**Hudson E. Kibuuka**  
África Oriental

**Mike Lekic**  
Ásia-Pacífico Sul

**Carlos Mesa**  
América do Sul

**Branislav Mirilov**  
Euro-Ásia

**Chek Yat Phoon**  
Ásia-Pacífico Norte

**Nageshwara Rao**  
Ásia do Sul

**Moisés Velazquez**  
América Central

**DIAGRAMAÇÃO**
**Glen Milam**

A REVISTA DE EDUCAÇÃO ADVENTISTA publica artigos sobre temas de interesse para os educadores adventistas. As opiniões dos colaboradores não representam necessariamente as idéias dos editores ou a posição oficial do Departamento de Educação da Associação Geral.

A REVISTA DE EDUCAÇÃO ADVENTISTA é publicada pelo Departamento de Educação da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, 12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, MD 20904-6600, EUA; telefone: (301) 680-5062; fax: (301) 622-9627.

Copyright © 2008 General Conference of Seventh-day Adventists.

**John M. Fowler**

## Por que apoiar a educação cristã?

### Um testemunho pessoal

Com dificuldade procurei me acomodar no ônibus superlotado. Com uma das mãos segurava minha pasta e com a outra me pendurava no corrimão. Na realidade, eu não estava gostando nem um pouco da viagem de ônibus naquela tarde de verão em Bangalore, Índia, perto de minha cidade natal. O motorista fez uma curva fechada em alta velocidade, fazendo o ônibus pender para um lado. Eu girei com o ônibus, fazendo uma volta de 360 graus.

Naquele momento vi um rosto que me parecia familiar. Será que poderia ser Jaya, meu amigo de infância? Eu não o via havia muitos anos, desde que nos separamos, indo ele para uma escola local e eu para uma escola adventista distante. Eu já estava para chamá-lo pelo nome, mas temi enganar-me por fazer tanto tempo, e fiquei imaginando se aquele homem no ônibus seria realmente meu velho amigo.

Enquanto minha mente recordava o passado distante, uma lembrança veio à tona que resolvia o impasse da identidade. Ao voltar para casa após um longo dia de aulas e um jogo de futebol, eu incentivava o grupo a andar mais depressa. “Estou com muita fome”, eu disse. Logo depois ouvimos os gritos de Jaya. Correndo para ele, o encontramos com o rosto ensangüentado. Ao ouvir meu lamento de fome, ele decidiu fazer alguma coisa. Depois de entrar sorrateiramente em um bangalô à beira da estrada, ele subiu em uma goiabeira e colocou nos bolsos tantas goiabas quantas foram possíveis. Enquanto estava voltando para o grupo com um sorriso de satisfação pela missão cumprida, o guarda da propriedade o viu e o perseguiu. Correndo o mais rápido que podia, Jaya pulou por cima da cerca mas caiu sobre o arame farpado e fez um corte na bochecha. Pagou caro pela aventura, com 16 pontos e uma cicatriz permanente.

Essa era a dica. A cicatriz. Eu me inclinei para um lado e consegui ver a cicatriz na bochecha direita dele. “Jaya”, chamei todo empolgado, mas não houve resposta. Eu me identifiquei, mas ele permanecia como uma estátua, manifestando indiferença e desprezo. Nenhum sorriso, nem sequer um sinal de alegria ao ver um amigo de infância depois de décadas de separação.

O ônibus deu sinal para fazer uma parada. Eu pedi que Jaya descesse no próximo ponto para que pudéssemos ir a um restaurante, tomar uma refeição juntos e permitir que os anos de separação estabelecessem a agenda de nossa conversa. Mas Jaya abanou a cabeça negativamente e se apressou para a porta de saída. De repente voltou, colocou algo em minha mão, desceu do ônibus e desapareceu entre a multidão. Olhei na minha mão e, para minha surpresa, vi minha carteira. Em algum momento, entre a minha entrada no ônibus e meu giro de 360 graus ao reconhecê-lo, Jaya “bateu” minha carteira.

Isso aconteceu vários anos atrás, mas a pergunta ainda permanece: Por quê? Nós dois tivemos muito em comum – crescemos no mesmo ambiente, tivemos os mesmos infortúnios e as mesmas oportunidades – no entanto, um se tornou batedor de carteiras e o outro pastor. Por quê?

*Continua na página 8.*

se mil vezes mais. Muito obreiro há que envia para o mundo mensagens de alento, esperança e ânimo, palavras que levam bênçãos aos corações em todos os países; mas, quanto aos resultados, nada sabe, afadigando-se ele em solidão e obscuridade. Assim se concedem dons, aliviam-se cargas, faz-se trabalho. Os homens lançam a semente, da qual, sobre as suas sepulturas, outros recolhem a abençoada colheita. Plantam árvores para que outros comam o fruto. Aqui estão contentes por saberem que puseram em atividade forças para promover o bem. No além serão vistas a ação e reação de todas estas forças.”<sup>11</sup>

Que promessa! É uma promessa que nós professores precisamos lembrar.

Nossa responsabilidade não é preocupar-nos quanto a vitória final, mas fazer nossa parte hoje. Recordo, mais de 30 anos atrás, quando estava apenas iniciando a carreira como um jovem professor na Universidade Andrews. Como jovem filósofo educador com visões revolucionárias, tinha a esperança de reformar e organizar o lugar em pouco tempo. Mas a reforma não progredia tão rápido quanto eu esperava. De fato, não mudou muito desde minha chegada. Estava pronto a renunciar e fazer “algo útil”.

Mas àquela altura já havia aprendido umas poucas coisas acerca de aparentes “fracassos”. Finalmente, ajoelhado busquei a Deus e me comprometi a permanecer “no ministério educacional” se Ele apenas me permitisse tocar uma pessoa por ano com Seu evangelho de verdade, amor, e esperança; com Sua mensagem da visão apocalíptica.

Ele cumpriu Sua parte. Na realidade, em alguns anos, pela graça de Deus fui capaz de tocar mais de uma pessoa.

Unicamente na manhã da ressurreição, aqueles de nós que temos estado no ministério educacional teremos uma percepção completa dos resultados do nosso trabalho. Que Deus sustente a cada um de nós até aquele dia.

**George R. Knight** serviu a Igreja Adventista do Sétimo Dia durante 40 anos como pastor, professor do ensino fundamental e médio, administrador escolar, e professor de Filosofia da Educação e História Adventista na Andrews University em Berrien Springs, Michigan, EUA. Ele é autor de 30 livros e escreve de *Rogue River, Oregon, EUA*.



## NOTAS E REFERÊNCIAS

1. Para um relatório mais completo das reuniões de Harbor Springs, veja Craig S. Willis, “Harbor Springs Intitute of 1891: A Turning Point in Our Educational Conceptions”, Seminar Paper, Andrews University, 1979.
2. Veja Milton Raymond Hook, “The Avondale School and Adventist Educational Goals, 1894-1900”, dissertação de doutorado [Ed.D.], Andrews University, 1978; idem, *Avondale: Experiment on the Dora* (Cooranbong, N.S.W., Austrália: Avondale Academic Press, 1998).
3. Ellen G. White, *Educação* (Tatuf, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2000) p. 13.
4. *Ibid.*, p. 14, 15.
5. *Ibid.*, p. 15.
6. *Ibid.*, p. 15, 16.
7. *Ibid.*, p. 30.
8. Abordei em maior profundidade o assunto do ministério educacional em relação às metas da educação no livro George R. Knight, *Philosophy and Education: An Introduction in Christian Perspective*, 4ª ed. (Berrien Springs, Mich.: Andrews University Press, 2006), p. 204-217.
9. J. Crosby Chapman e George S. Counts, *Principles of Education* (Boston: Houghton Mifflin, 1924), p. 601, 602.
10. George S. Counts, *The Soviet Challenge to America* (New York: John Day Co., 1931), p. 66, 67.
11. White, *Educação*, p. 305, 306.

## Editorial

Continuação da página 3.

Eu poderia dizer, “pela graça de Deus, aqui estou eu”. Essa seria uma resposta suficiente, mas tive a excelente ventura em minha vida – Deus me tomou na adolescência, barro disforme e oscilante, e me moldou de acordo com a Sua vontade. Isso ocorreu na escola adventista em que estudei como adolescente.

O que me ofereceu a educação adventista? Três coisas:

**Primeiramente, a educação adventista me conscientizou de que não sou um acidente no tempo e no espaço.** Na escola adventista aprendi que existe um Deus que me ama intensamente, que me criou à Sua imagem e deseja que eu seja Sua propriedade. A realidade divina me dominou na sala de aula, nas hospedarias, e na granja em que trabalhei para pagar meus estudos. Quando Deus alcança uma pessoa, Ele a segura para sempre com ternos laços de amor e bondade. A vida passa a ter outro significado.

**Em segundo lugar, a educação adventista me tornou ciente de que a vida tem um significado e um destino.** No campus do colégio adventista aprendi que educação é mais do que dominar informações

– sejam elas da Bíblia, de inglês, história, matemática ou ciência. Educar-se significa ser semelhante a Jesus, andar como Ele, relacionar-se como Ele, trabalhar como Ele – e acima de tudo, significa preparar-se para estar com Ele. Esta última dimensão – a escatológica – fornece um ponto de destino para a jornada da vida, a despeito de suas muitas curvas.

**E em terceiro lugar, a educação adventista me ofereceu uma inconfundível visão de mundo.** Antes de frequentar a escola adventista, minhas metas no mundo eram subir a escada profissional e ter uma vida descente. Mas a educação cristã me proveu uma visão mais ampla – não estou só no mundo. Acima de mim e dentro de mim está Deus. À minha volta estão seres humanos exatamente como eu. Uma visão e uma missão nos unem, convidando-nos a marchar rumo ao reino de Deus e a ajudar uns aos outros.

A marcha para o reino de Deus, o companheirismo com Cristo aqui e no porvir, e o estender da mão tocando uns aos outros fazem parte do desafio da educação cristã a mais de um milhão de jovens atualmente.

Não posso garantir que a educação adventista fará por todos eles o que fez por mim, mas acredito que o fato de ter essa vantagem adventista pode fazer uma diferença enorme na vida dos jovens. E isso é motivo suficiente para apoiar a educação cristã.

– **John M. Fowler**

